



## LEON TOLSTÓI E JORGE AMADO: A MORTE COMO REFLEXÃO PARA A VIDA EM IVAN ILITCH E QUINCAS BERRO D'ÁGUA

LEON TOLSTOV AND JORGE AMADO: DEATH AS A REFLECTION ON LIFE IN IVAN ILYICH AND QUINCAS BERRO D'ÁGUA

Simone Maria Zanotto (SEDUC-GO)<sup>1</sup>

[simone.zanotto@seduc.go.gov.br](mailto:simone.zanotto@seduc.go.gov.br)

Gilson Xavier de Azevedo (UEG)<sup>2</sup>

[gilsoneeduc@yahoo.com.br](mailto:gilsoneeduc@yahoo.com.br)

**RESUMO:** O objetivo desta pesquisa é estabelecer uma análise comparativa entre as obras Ivan Ilitch de Leon Tostói e Quincas Berro D'água de Jorge Amado. Ao ler ambas, deparou-se com a estreita semelhança que demonstram, como se a segunda fosse uma espécie de brasileirismo da primeira na vertente da literatura popular em relação à temática da morte, sendo esta a justificativa do presente artigo. Questiona-se quais são as possíveis aproximações entre as novelas uma vez que tratam da mesma temática? Adotou-se por hipótese que a leitura de mundo dos autores em questão, bem como a habilidade na escrita, favoreceram visões diferenciadas ao longo de todo o texto devido ao contexto social em que as obras emergiram. Adotou-se por metodologia a composição de um estudo exploratório de caráter bibliográfico apoiado nas duas obras mencionadas, estabelecendo uma análise qualitativa e comparativa da intencionalidade literária de ambos. O resultado obtido é este artigo e sua contribuição para o debate acadêmico entorno do problema da morte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Morte. Leon Tostói. Ivan Ilitch. Jorge Amado. Quincas Berro D'água.

**ABSTRACT:** The objective of this research is to establish a comparative analysis between the works Ivan Ilitch by Leon Tostói and the essay Quincas Berro D'água by Jorge Amado. When reading both, he came across the close similarity that they demonstrate, as if the second were a kind of Brazilianism of the first in terms of popular literature and theology that both contain in relation to the theme of death, which is the justification for this article. It is questioned whether Jorge Amado would in fact have based himself on the Russian author and sought to think about the same theme from the Brazilian nuances and "ways" that make up our popular culture? It was adopted by hypothesis that the reading of the world of the Brazilian author in question, as well as a skill in writing, favored throughout his work, such relationships

<sup>1</sup> Licenciada em Filosofia (FAEME). Licenciada em Letras - Português e Inglês (UEG). Graduada em Teologia (FAETEL / MACKENZIE). Mestra em Ciências da Religião pelo CETHEL e Mestra em Teologia (Área Teologia do Espaço Público - FTSA). Especialista em Administração Escolar e Coordenação Pedagógica (UVA-RJ), Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa (UGF-RJ), Linguagens e suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho - UFPI. Docente de Filosofia, Sociologia, Projeto de Vida, Português - Redação, Gramática e Literatura - pela SEDUC.

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Educação pela PUC-GO (2020); Doutor e Mestre em Ciências da Religião pela PUC-GO. Filósofo pela FAEME, e Pedagogo pela UVA-ACARAÚ e Teólogo pelo MACKENZIE, Pós-graduado em Administração Escolar e Coordenação Pedagógica pela UVA-RJ, Ética e cidadania pela UFG, Filosofo Clínico pelo Inst. Packter, Neuropsicopedagogo e em Ensino de Filosofia e Sociologia pela Faculdade Cândido Mendes. Docente Efetivo da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Quirinópolis (Concurso 2013); Docente convidado da Faculdade Quirinópolis (Desde 2006).



with the other authors with whom he had contact. The methodology adopted was to compose an exploratory study of a bibliographic nature supported by the two mentioned works, establishing a qualitative and comparative analysis of the literary and theological intentionality of both. The result obtained is this article and its contribution to the academic debate surrounding the problem of death.

**KEYWORDS:** Death. Leon Tostoy. Ivan Illych. Jorge Amado. Quincas Berro D'água.

## INTRODUÇÃO

A morte é um fenômeno natural previsto na história universal da humanidade, porém pensar a brevidade da vida é uma ação inquietante. As reflexões sobre a mortalidade percorrem as discussões nos campos da teologia, da antropologia, da sociologia, da filosofia e da literatura. Embora faça parte do ciclo do desenvolvimento humano, há algumas significações que a enxergam como uma inimiga devido à incompreensão com o desconhecido estado de pós-morte. A ruptura com a vida é vista como um limite e há uma tentativa de negá-la para imortalizar o homem. Dessa forma, ela pode ser considerada ameaçadora a partir da ausência do outro e da percepção que o indivíduo faz da própria vulnerabilidade (ARAÚJO; VIEIRA, 2004).

Este artigo, proferido com a temática da morte, foi escrito num tempo em que a “indesejada das gentes” (SILVA, 2019) bate à porta de todas as nações, por meio da disseminação de uma infecção viral que se tornou pandemia. O Brasil já havia ultrapassado a 400 mil mortos e a previsão era a de que chegasse a 1 milhão de mortos até o fim de ano de 2021<sup>3</sup>. Se antes a ideia de óbito ameaçava os homens do “além”, agora, ela pairava com rapidez e de um modo invisível, colocando todos os envolvidos na condição de reféns. Entretanto, se no escopo da filosofia heideggeriana a compreensão da morte evocava o sujeito solitário na sua relação com a própria finitude, com esse caos pandêmico durante os anos 2020 e 2021, havia um apelo para que a morte fosse pensada como um morrer com o outro de mãos dadas (LEVINÁS, 2000).

<sup>3</sup> Estudo realizado pelo cientista Alexei Kuprianov. SIMON, Michele de Mello e Giovanny. Brasil pode atingir 1 milhão de mortes por covid-19 até outubro de 2021. Brasil e Fato: uma visão popular do Brasil e do mundo. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/19/brasil-pode-atingir-1-milhao-de-mortes-por-covid-19-ate-outubro-de-2021>. Acesso em 21 de abril de 2021.



Em meio a esse caos, refletir sobre a morte pós-pandemia tem sido uma fonte vastíssima de pesquisa em todas as áreas científicas. A proposta deste texto é pensar a temática, em uma perspectiva literária, cujo objetivo é apontar que embora haja na morte uma espécie aparente de silenciamento, há vozes que percorrem os seus bastidores, seja na preparação do velório de seus mortos, seja nas elocuções das narrativas ao relatarem os personagens caminhando para o morrer. Por conseguinte, é possível perceber valores que surgem em sociedades estigmatizadas por relações automatizadas que de certa maneira são artificiais.

Assim, empreende-se romper com esse silêncio por intermédio da análise das vozes de Leon Tolstói (2017) e de Jorge Amado (1998), com a reflexão de um possível diálogo entre as novelas: “A morte de Ivan Ilitch” e “A morte e a Morte de Quincas Berro D’água”. Esses dois escritores, apesar de não serem contemporâneos, usaram essa enunciação fatídica para mostrarem um grito que denúncia algumas feridas da vida. De um lado, com ironia e sem humor, tem-se o amargurado Ivan Ilitch de Tolstói apontando as mazelas da sociedade burguesa, que mascara a mediocridade de quem, no cotidiano, vive os padrões de aparência na Rússia do século XIX. Por outro lado, tem-se Quincas Berro D’água, personagem amadiano cheio de humor e de irreverência, que oferece uma visão crítica da hipocrisia de determinada esfera social no Brasil do século XX.

Notadamente, é possível empreender algumas aproximações nas páginas desses dois enredos que também narram os fatos anteriores à morte. Os protagonistas, Ivan Ilitch e Quincas Berro D’água são funcionários públicos respeitados, pais e maridos exemplares que se cansam da monótona vida familiar e fazem escolhas que norteiam o conflito das narrativas. Tanto Tolstói quanto Amado, retratam que é possível morrer em vida, antes da morte definitiva como afirma Montaigne (2010, p. 82): “Por que temeis vosso último dia? Ele não conduz à vossa morte mais que cada um dos outros. O último passo não vos traz a lassidão: revela-a. Todos os dias levam à morte: o último a alcança. Eis as boas advertências de nossa mãe Natureza”.

## 1 IVAN ILITCH UM RETRATO DA SOCIEDADE RUSSA DE TOLSTÓI

Tolstói já era uma sumidade quando iniciou, em 1881, a novela “A morte de Iván Ilitch” (2017). A publicação ocorreu em 1886, porém, durante esse trajeto, o escritor já havia transformado a sua visão sobre a sociedade diversas vezes. Ele transitou nos palcos da aristocracia e tornou-se, depois, uma espécie de orientador espiritual, que além de ter empatia, preocupava-se com o jugo da servidão que privava os camponeses inclusive da educação escolar. Nesse caminho, frequentou a universidade de direito e ingressou no exército. É intrigante comparar o perfil de Tolstói ao do seu protagonista, Ivan Ilitch. Há divergências claras, pois o personagem possui uma veneração pela alta sociedade e por suas imposições, enquanto o autor se afasta desse estilo de vida, pois buscou em sua própria vida uma simplicidade encontrada nos valores do campo.

De acordo com Medzhibovskaya (2008), a obra fornece uma leitura abrangente como uma narrativa de conversão do momento após a morte até a história de vida, de morte e de salvação. No período de finalização da novela, Tolstói passou por conflitos pessoais no que empreende a definição do principal dever moral perante o julgamento da consciência. “É nesta fase que Tolstói finalmente se apega à insistência de Kant em vestir o “novo homem” e portar um “dever” de uma maneira que é incondicional”. (MEDZHIBOVSKAYA, 2008, p. 288, tradução nossa).

No enredo, “a redenção” de Ivan Ilitch começa com o anúncio de sua morte, segue com o processo mecanizado de luto no qual a família recebe os cumprimentos e os sutis julgamentos das pessoas próximas.

Como é próprio dos mortos, aquele estava pesadamente espichado, os endurecidos membros afundados no forro do esquife, a cabeça para sempre apoiada no travesseiro e mostrando a frente de um amarelo de cera, as têmporas úmidas e cavadas e o nariz saliente, que parecia pesar sobre o lábio superior. Mudara consideravelmente, emagrecera ainda mais depois da última visita de Piotr Ivánovitch, mas, como é próprio dos mortos, o seu rosto ficara mais belo e, sobretudo, mais digno. No seu semblante lia-se que fora feito tudo quanto se devia fazer, e com a máxima correção. Além disso, parecia traduzir uma censura ou uma advertência aos que ficavam. E a lembrança se

afigurou inconveniente a Piotr Ivánovitch, ou pelo menos pareceu não lhe dizer respeito. Sentiu-se um pouco constrangido e, mais uma vez fazendo um rápido sinal-da-cruz, virou-se e se encaminhou para a porta, com uma pressa que fugia as regras da decência, conforme ele mesmo considerou. (TOLSTÓI, 2017, p. 12).

A narrativa russa prossegue com o protagonista relatando seu sofrimento físico, suas dores existenciais e de arrependimento até o momento final da morte. Na história, ocorre a retomada do trajeto de vida de Ivan que aponta os caminhos burocráticos e a sua incapacidade no serviço público como juiz.

Como alguns servidores estatais, Tolstói deixa claro que Ivan não tem preocupação em executar a sua função de modo eficaz, já que não pode ser demitido pela condição de empregado estatutário. O que importa, é conquistar um estado de riqueza, pois a família não provém de berço nobre. Entretanto, em um processo de consciência, ao refletir sobre essas falhas, o personagem se julga com mais sucesso que o pai e seus dois irmãos na sua carreira e no seu projeto de vida econômico. Ilitch, após as reformas jurídicas, coloca-se no quadro de liberalismo moderado, contudo continua replicando as concepções vividas por seu pai e pelo “círculo de magistrados e nobres ricos”. (TOLSTÓI, 2017, p. 21).

É necessário ressaltar que o processo de consciência é trabalhado por Tolstói durante toda a novela. Ao relatar os acontecimentos da evolução da doença de Ivan Ilitch que surge após uma queda, situação inicial do conflito, o autor denuncia futilidades que revelam alguns padrões da aristocracia que eram imitados por quem almejava crescer socialmente. Ivan machuca-se durante o período em que consegue uma nomeação no ministério da justiça, em uma outra cidade, na qual adquiriu um imóvel novo para moradia com a família. Na descrição, há ostentação no decorar da casa para que fique parecida com a dos ricos. “A casa de Ivan Ilitch era uma perfeita imitação, mas ele achava absolutamente natural”. (TOLSTÓI, 2017, p. 29).

No aspecto matrimonial, a escolha de sua esposa também foi norteada pelas lentes de aprovação dos “seus amigos mais altamente colocados”. (TOLSTÓI, 2017, p. 22). Todavia, o que parecia adequado tornou-se angustiante. A relação conjugal após a

gravidez e os nascimentos dos filhos desconfiguraram o seu projeto de vida ideal. Tolstói aponta o mergulhar de Ivan no emprego como válvula de escape para suportar e mascarar as desventuras matrimoniais como o tédio. Essa situação fica clara, em vários momentos da novela, inclusive quando consegue o cargo e o salário desejado.

Um outro elemento importantíssimo do enredo, tema do artigo, é a morte que foi causada pelo agravamento da doença após o acidente. O tormento de Ivan que é retratado pela busca e pela ausência de um diagnóstico médico da doença é apenas um pano de fundo para refletir que a sua “primeira morte” ocorreu em vida, quando ele perpetuou os padrões e a burocracia de seu meio social. A consciência da morte trouxe a percepção de momentos em vida como um olhar refletido no espelho.

Paralela a essa cadeia de recordações, perpassava em seu espírito uma outra, relacionada com a evolução e o agravamento da doença. Também aí, à medida que remontava no tempo, se via mais vivo. Havia mais bondade na existência e a vida, propriamente dita, era mais vida. O bem e a vida se fundiam. “Assim como a dor tem sido cada vez pior, também a minha vida fica cada vez pior”, pensava. “Só um ponto luminoso, lá longe, no começo da vida. Depois tudo se torna negro, cada vez mais negro e mais rápido, na razão inversa do quadrado da distância da morte.” E a imagem da pedra que rola com crescente velocidade calou-lhe na mente. A vida, uma série de sofrimentos crescentes, rolava cada vez mais veloz para o seu termo, para o último e mais terrível sofrimento. “Eu estou rolando...” Sobressaltava-se, agitava-se, tentava lutar, mas já sabia que qualquer resistência era impossível e, de novo, com os olhos fatigados, mas incapazes de deixar de ver aquilo que estava diante deles, fixava o encosto do divã e aguardava a medonha queda, o choque, o aniquilamento. (TOLSTÓI, 2017, p. 60).

Desse modo, Tolstói constrói um diálogo entre morte e vida ao retratar os arrependimentos e as possibilidades de ações mais exitosas se as escolhas fossem outras. Talvez as ações fossem primordiais, pois o caminho de negligência médica por ele sofrido, traz a reflexão de que ao replicar uma burocracia sem humanização, como ele fez muitas vezes enquanto juiz, pode resultar na morte do outro. Essa reflexão ocorre no enredo quando o médico o cumprimenta de modo banal em uma consulta:

Ivan Ilitch sabe perfeitamente que tudo aquilo é bobagem, mentira sem sentido. Mas quando o médico ajoelha e se inclina sobre ele,



encostando o ouvido aqui e ali, executando, com ar mais sério, uma série de movimentos ginásticos, Ivan Ilitch submete-se a tudo, tal como se entregava aos discursos dos advogados, ciente muito bem de que todos mentiam e não ignorando porque mentiam. (TOLSTÓI, 2017, p. 53).

O texto também mostra uma outra abordagem discorrida por Tolstói com seus amigos em cartas (1884- 1886), a “imobilidade física, solidão e a necessidade de morrer sozinho” (MEDZHIBOVSKAYA, 2008, p. 343, tradução nossa). Durante seus últimos momentos, Ivan percorre solitário em seus questionamentos: nas ocasiões de dores insuportáveis que o levaram a períodos de gritos desesperados e insuportáveis para a família, no episódio de aceitação e de rejeição da morte após a extrema-unção. Ivan berrou para que todos fossem embora.

A expressão do seu rosto, quando disse “Sim”, fora atroz. Depois de ter proferido o “Sim”, fixou duramente a mulher e, com uma rapidez incomum para o seu depauperamento, virou-se de bruços, afundou o rosto no travesseiro e berrou: — Vão embora! Vão embora! Deixem-me em paz! A partir daquele momento, começaram os gritos, que se prolongaram por três dias, e tão horríveis que não se podia ouvi-los, mesmo através de duas portas fechadas, sem que os nervos não se abalassem. No mesmo instante em que respondera à mulher compreendera que estava liquidado, que chegara ao irremediável fim, mas que as suas dúvidas permaneciam sem resposta. (TOLSTÓI, 2017, p. 39).

No momento do velório, alguns conhecidos só apareceram para cumprir o protocolo. Vale lembrar que momentos antes do ritual fúnebre, ao tomarem conhecimento de sua morte, já havia uma discussão de quem ficaria com seu cargo. A única companhia que causava consolo ao doente era o mujique. “Foram três meses, de intensa agonia. Dependente de auxílio para tudo, inclusive para as constrangedoras necessidades fisiológicas, encontra na alma do singelo camponês Guerássin, ternura e, testemunha a bondade humana”. (TOLSTÓI, 2017, p. 7). Esse conforto trazido por sua presença pode significar um rompimento com todos os padrões aristocráticos que foram verdadeiros grilhões que causaram a morte de Ivan durante a vida. Assim, há uma valorização com a classe dos camponeses: “A saúde, a força, a vitalidade de outros

ofendiam Ivan Ilitch, mas o vigor e a energia de Guerássim, longe de mortificá-lo, acalmavam-no". (TOLSTÓI, 2017, p. 48).

## **2 QUINCAS BERRO D'ÁGUA O ROSTO DOS PERSONAGENS DE JORGE AMADO**

A novela “A morte e a Morte de Quincas Berro D’água” fora publicada pela primeira vez em 1954, a pedido de Nahum Sirotsky, para ser divulgada na Revista Senhor. De acordo com as recordações de Zélia Gatai, esposa de Jorge Amado, a elaboração do texto durou dois dias. O enredo fora baseado em uma narrativa cearense ocorrida no início do século. Amado teve contato com o relato no tempo de estudo como aluno interno no colégio dos jesuítas. “Ele havia prometido a Pena Filho que um dia escreveria a história” (AGUIAR, 2018, p. 392).

O perfil do autor nesse momento de produção estava desvinculado do aspecto político e crítico dos anos anteriores, porém, é possível notar uma denúncia social que mostra a infelicidade do indivíduo ao cumprir as regras morais emergentes das convenções da sociedade burguesa no Brasil. Pode-se perceber uma crítica semelhante à de Tolstói em relação aos padrões estabelecidos pela aristocracia russa por intermédio de Ivan Ilitch. Entretanto, o personagem amadiano consegue romper com o modelo ideal tornando-se um escândalo e uma vergonha para família. Como nas consagrações cristãs em que o religioso deixa o nome antigo, pois assume uma vida nova na sua entrega aos votos, Joaquim recebe outro nome. Ele passa a ser chamado de Quincas Berro D’água devido a um acontecimento, envolvendo água e cachaça<sup>4</sup>, durante seu mergulho nesse novo caminho.

Como Tolstói, Amado (1998) narra a consciência dos envolvidos em um processo que provoca grande inquietações no leitor. A narrativa da vida de Quincas ocorre após a sua morte na preparação e durante o seu velório; a de Ivan Ilitch acontece quase do mesmo modo. Conhecido como Joaquim Soares Cunha, o protagonista foi um

<sup>4</sup> O protagonista dá um berro estridente ao confundir água com cachaça.

marido e um pai exemplar que abandonara a família e o emprego de servidor público para viver no cais com uma classe de desempregados. Durante anos, vivera na boemia com a prostituta Quitéria do Olho Arregalado e com seus amigos Curió, Negro Pastinha, Pé de Vento e Cabo Martim.

Não que seja fato memorável ou excitante história. Mas vale a pena contar o caso pois foi a partir desse distante dia que a alcunha de *berro dágua* incorporou-se definitivamente ao nome de Quincas. Entrara ele na venda de Lopez, simpático espanhol, na parte externa do Mercado. Freguês habitual, conquistara o direito de servir-se sem auxílio do empregado. Sobre o balcão viu uma garrafa, transbordando de límpida cachaça, transparente, perfeita. Encheu um copo, cuspiu para limpar a boca, virou-o de uma vez. E um berro inumano cortou a placidez da manhã no Mercado, abalando o próprio Elevador Lacerda em seus profundos alicerces. O grito de um animal ferido de morte, de um homem traído e desgraçado: – Águuuuu! (AMADO, 1998, p. 14).

Jorge Amado (1998), em um enredo descritivo, repleto de comicidade, escreve a partir da notícia da morte de Quincas o desenrolar funeral pela família, a qual ele abandonou. Nesse trajeto, memórias são lembradas por meio do seu contato com os parentes. É importante ressaltar que antes da morte física, como a de Ivan Ilitch, Quincas Berro D'água morre várias vezes em vida: ele experimenta a morte social ao abandonar as exigências sociais econômicas e familiares (ele mata Joaquim), é rejeitado pela família devido à má conduta (a família o mata), morre fisicamente de causa desconhecida e, posteriormente, no velório, ao ser raptado por seus amigos de cachaça, sofre uma “outra morte” com sua queda ao mar durante um passeio de barco. Objetivamente, Amado arquiteta paralelamente duas mortes em vida e duas mortes físicas.

A família do morto – sua respeitável filha e seu formalizado genro, funcionário público de promissora carreira; tia Marocas e seu irmão mais moço, comerciante com modesto crédito num banco – afirma não passar toda a história de grossa intrujice, invenção de bêbedos inveterados, patifes à margem da lei e da sociedade, velhacos cuja paisagem deverá ser as grades da cadeia e não a liberdade das ruas, o porto da Bahia, as praias de areia branca, a noite imensa. Cometendo uma injustiça, atribuem a esses amigos de Quincas toda a responsabilidade da malfadada existência por ele vivida nos últimos anos, quando se tornara desgosto e vergonha para a família. A ponto de seu nome não ser pronunciado e seus feitos não serem comentados na presença inocente das crianças, para as quais o avô Joaquim, de saudosa memória, morrera há muito, decentemente, cercado da estima e do respeito de todos. O que nos leva a constatar ter havido uma primeira morte, senão física pelo menos moral, datada de anos antes, somando um total de três, fazendo de Quincas um recordista da morte, um campeão do falecimento, dando-nos o direito de pensar terem sido

os acontecimentos posteriores do atestado de óbito até seu mergulho no mar. (AMADO, 1998, p. 2).

O enredo amadiano (1998), na preparação do funeral, mostra a mediocridade familiar por intermédio da filha, do genro e dos tios - Eduardo e Maroca – que enxergam na morte um jeito de manter as aparências para que as irreverências de Quincas sejam esquecidas durante o luto. A escolha da roupa, do caixão e do velório revelam que a família tenta recuperar a dignidade social que o protagonista perdeu com suas escolhas. A memória do morto é considerada sagrada em um gesto que desconsidera a realidade de suas escolhas para afirmar um patamar social. De modo cômico é revelado a mágoa que a ausência de Joaquim causou no seio familiar. Em diversas situações, durante a vida, foi acusado de não ter um bom comportamento, acabou sendo taxado de louco e até encaminhado ao médico.

O clímax da novela é desencadeado com maestria quando a família esconde o velório para que as classes sociais e os amigos do convívio de Quincas não perturbem a família com falatório sobre os seus escândalos do passado. Toda sociedade baiana tinha uma história a contar sobre ele. Notadamente, não há expressão de sentimento de perda da família, mas sim de alívio com a sua partida. Contudo, Amado traz a figura de seus amigos considerados malandros, vagabundos e arruaceiros como àqueles que verdadeiramente se importam com o falecido. Embora sejam pobres e possuam poucas coisas, fazem de tudo para honrar as verdades e gostos que conheciam do morto. Eles repartem o que possuem para homenagear Quincas Berro D'água, apesar de uma possível discussão sobre quem “herdará” a viúva do falecido.

Se no personagem de Tolstói não é possível notar resquícios de empatia e de preocupação de seus amigos aristocratas, inclusive com sua saúde e com honorários do velório, todavia, no protagonista de Amado é perceptível a lealdade que cada amigo tem com o falecido. Com generosidade oferecem a bebida preferida de Quincas mesmo com pouco dinheiro, pois não possuem emprego fixo. O contraste entre as classes, entre esses dois mundos, é percebido durante todo funeral. A família de sangue faz o velório

na humilde casa do falecido para não ter gastos, se ausenta para descansar enquanto os amigos ficam responsáveis por não deixarem o morto só.

Jorge Amado (1998), durante toda narrativa, coloca o personagem principal em uma postura debochada nas situações que provocam a visão da realidade estereotipada pela família, a qual só pensava em manter as aparências. Os companheiros de Quincas percebem a avareza dos parentes. Ao ficarem sozinhos, trocam as roupas, oferecem cachaça e saem com o falecido em clima de festa pelos bairros baianos. Durante toda noite, percorrem os botecos encontrando os conhecidos que manifestavam a alegria, achando que ele não havia morrido e estava embriagado. Esse momento da ficção repleto de aventuras e de risos mostra que, até na morte, o protagonista escolhe liberdade da padronização imposta pelos costumes sociais e por seus familiares.

O desfecho é ainda mais revelador e libertador, pois Quincas não é enterrado do modo como sua família determinou. Todo investimento no funeral planejado com mesquinhez foi perdido, pois os amigos do morto resolveram passear com o morto de barco não retornando ao velório planejado. No trajeto do passeio, ocorre uma tempestade em que os tripulantes de modo alucinado, por causa da cachaça, veem Quincas ficando de pé com ajuda das velas e se atirando ao mar após pronunciar uma frase que recebeu várias versões:

“— Me enterro como entender.  
Na hora que resolver.  
Podem guardar seu caixão  
Pra melhor ocasião.  
Não vou deixar me prender  
Em cova rasa no chão.” (AMADO, 1998, p.32).

Por fim, os delírios e a perda do seu corpo, do monopólio de sua família burguesa computam uma outra morte do protagonista. Ele não morreu como Joaquim, mas morreu como Quincas Berro D’água como seus amigos e toda região de Salvador o chamavam. Não foi enterrado com o terno, reflexo de uma sociedade que via, também, no vestuário uma forma de ampliar os preconceitos. Ele morreu com suas roupas simples e surradas, de forma livre, da maneira como escolheu. O enterro não aconteceu

no cemitério da família, dentro dos aspectos da religião cristã, mas o corpo de Quincas foi recebido pelo mar baiano que pode representar os braços da deusa do mar, Iemanjá, reverenciada na religião afro-brasileira.

## CONCLUSÃO

Ao analisar as vozes de Leon Tolstói e de Jorge Amado com a reflexão de um possível diálogo entre as novelas: “A morte de Ivan Ilitch” e “A morte e a Morte de Quincas Berro D’água” foi possível perceber várias semelhanças entre os protagonistas que retratam a mediocridade e a mesquinhez das classes que buscam a ascensão social. Os dois autores usam a temática da morte como uma voz que denuncia os acontecimentos mórbidos que ocorrem durante a vida por intermédio das convenções sociais que norteiam as dimensões do campo familiar, social e profissional. Em ambos, as reflexões sobre o sentido da vida aparecem em detrimento da aproximação com a morte.

O distanciamento temporal e local de origem das obras, bem como as culturas participantes do contexto histórico de seus autores não foram um impedimento para dirimir as possíveis aproximações. Assim, o texto russo torna-se atual ao apresentar problemáticas equivalentes à realidade do texto brasileiro, embora nesse haja uma pitada de fantasia na parte da narrativa que conta o rapto de Quincas Berro D’água por seus amigos.

À vista disso, fica evidente o papel que Tolstói e Amado desempenham ao mostrarem, por meio de sua arte, a perpetuação das desigualdades sociais que ocorrem nos regimes vigentes com apoio do capitalismo que alimenta um sistema ideológico dominador. Ao analisar o aspecto da vida antes da morte, é perceptível que Ivan Ilitch só consegue liberdade quando se entrega à morte sem resistência ao sistema, porém, Quincas Berro D’água consegue vencer os grilhões sendo resistente, em vida, às ideologias presentes na realidade brasileira. Tolstói por meio do trágico e Jorge Amado por intermédio da comédia apresentam a significação da morte literária como um aspecto libertário do ser humano.



## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Joselia. **Jorge Amado**: uma biografia. São Paulo. Todavia, 2018.
- AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro D'água**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- ARAUJO, Paula Vanessa Rodrigues de and VIEIRA, Maria Jésia. **A questão da morte e do morrer**. Rev. bras. enferm. [online]. 2004, vol.57, n.3, pp.361-363.
- LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro, Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.
- MEDZHIBOVSKAYA, Inessa. **Tolstoy and the religious culture of his time: a biography of a long conversion, 1845 - 1887**. New York, Lexington Books, 2008.
- MONTAIGNE, Michel. **Ensaios**: De como filosofar é aprender a morrer. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SILVA, Wilton Carlos Lima da. **Após a visita da indesejada das gentes**: luto e memória na Revista Estudos Feministas (2001-2014). Cad. Pagu [online]. 2019, n.55 [cited 2021-05-07], e195524.
- SIMON, Michele de Mello e Giovanny. **Brasil pode atingir 1 milhão de mortes por covid-19 até outubro de 2021**. Brasil e Fato: uma visão popular do Brasil e do mundo. <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/19/brasil-pode-atingir-1-milhao-de-mortes-por-covid-19-ate-outubro-de-2021>
- TOLSTÓI, Leon. **A morte de Ivan Ilitch**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2017.